

COM A PALAVRA

MAIO 2022



**JOSÉ AUGUSTO
ALVES DE BRITTO**

A importância da vacinação não está somente na proteção individual, mas porque ela evita a propagação em massa de doenças que podem levar à morte ou a sequelas graves.

Uma das medidas mais efetivas para a prevenção de doenças (individual e coletivamente) ao evitar epidemias, a vacinação foi responsável por erradicar doenças como poliomielite, rubéola congênita e sarampo conforme explica o pediatra do Ambulatório Geral de Pediatria do Instituto Fernandes Figueira (IFF/ Fiocruz) e mestre em pediatria, Dr. José Augusto Alves de Britto.

Nesta entrevista, ele fala sobre a importância da vacinação, os avanços nesta área, os movimentos antivacina e suas consequências. Confira!

Qual é a importância da vacinação?

José Augusto Alves de Britto: A vacinação sensibiliza o sistema imunológico do organismo, fazendo com que ele crie defesas, anticorpos especiais contra uma série de doenças que quando ocorrem, podem acarretar a morte ou deixar graves sequelas na pessoa acometida.

A importância da vacinação não está somente na proteção individual, mas porque ela evita a propagação em massa de doenças que podem levar à morte ou a sequelas graves, comprometendo a qualidade de vida e saúde das pessoas vitimizadas.



Aplicação da vacina para Covid-19.
Foto: Raquel Portugal (Fiocruz Imagens)

Quais os avanços no Brasil, com relação à vacinação?

José Augusto Alves de Britto: Em 1973 foi criado no Brasil o Programa Nacional de Imunização (PNI), com o objetivo de normatizar a imunização em nível nacional e assim, contribuir para a erradicação ou controle de doenças transmissíveis. Ele faz parte das iniciativas da Organização Mundial de Saúde (OMS) e recebe apoio técnico do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).

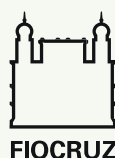
No mundo de hoje, globalizado, onde circulam milhões de pessoas entre diversos países, há que se ter uma atenção especial com a saúde global e essa associação do PNI com órgãos da responsabilidade, como a OMS, demonstra o compromisso do Brasil com a saúde da população nacional e global, por conseguinte.

No Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) disponibiliza em seu calendário 19 tipos de vacina, que atendem a crianças, adolescentes, gestantes, trabalhadores, pessoas com mais de 60 anos, população indígena etc. É importante destacar que o PNI trabalha com metas importantes, como a de vacinar 90/95% da população.

O nosso país é reconhecido internacionalmente, porque ao longo dos 35 anos do PNI, conseguiu erradicar doenças como a poliomielite, a rubéola congênita e em 2016, recebeu de da Organização Pan Americana da Saúde (Opas) o certificado de erradicação do sarampo.

Algumas doenças já erradicadas no Brasil estão voltando. A que se deve isto?

José Augusto Alves de Britto: A partir de 1982, surgiu na Europa e nos Estados Unidos um movimento antivacina, a partir da divulgação de artigos muito polêmicos que relacionavam a vacinação com doenças cerebrais - que adiante, se revelaram



COM A PALAVRA

MAIO 2022



JOSÉ AUGUSTO ALVES DE BRITTO

“Acredita-se que pelo fato de a vacinação ser um sucesso, causa a falsa sensação de que as doenças não existem mais e, portanto, que não há mais a necessidade de se tomar as vacinas. Desta maneira, **doenças antes controladas voltam a ocorrer na população, inclusive com riscos de epidemia.**”

equívocos científicos e interesses escusos contra a indústria farmacêutica, levando, inclusive, à cassação do registro profissional dos pesquisadores envolvidos.

Adiante, surgiram movimentos, ora se cunho religioso, ora filosófico, que advogam a favor de não se sobrecarregar o sistema imunológico das crianças e considerando que a imunidade natural poderia dar conta da proteção.

No Brasil, este movimento já começa ser observado, porém, devidamente acompanhado pela Sociedade Brasileira de Imunologia (SBI) e do Ministério da Saúde (MS). Isso tem repercutido na queda da cobertura vacinal esperada e em uma certa resistência de aderência às campanhas nacionais, como recentemente, contra o sarampo.

Acredita-se que pelo fato de a vacinação ser um sucesso, causa a falsa sensação de que as doenças não existem mais e, portanto, que não há mais a necessidade de se tomar as vacinas. Desta maneira, doenças antes controladas voltam a ocorrer na população, inclusive com riscos de epidemia, tendo-se como exemplo o caso recente de epidemias por sarampo em cidades na região Norte do Brasil.

Naquelas cidades, as taxas de cobertura da vacinação estavam abaixo do esperado e a possível introdução do vírus do sarampo por meio das fronteiras, pela imigração de venezuelanos, criaram uma situação de risco para a população e para a certificação que o país recebera da Opa pela erradicação do sarampo em território nacional.

Como contornar o problema da queda na vacinação?

José Augusto Alves de Britto: Uma das boas estratégias para se trabalhar a recuperação das taxas de cobertura é, primeira e fundamentalmente, garantir a oferta de vacinas para a população em tempo contínuo, não somente em períodos de campanha.

Também cabe aos profissionais de saúde manterem os pais, os adultos e os idosos estimulados a essa prática de saúde, mostrando claramente os benefícios para cada um e o efeito de proteção para todos, a partir dela.

É necessário, ainda, que se busque combater rápida e fortemente a divulgação pelas mídias sociais de notícias falsas (*fake news*) a respeito das vacinas.

O Brasil vive um momento de congelamento dos gastos públicos com saúde. Como isto afeta a imunização?

“O congelamento dos gastos públicos com saúde podem **sim impactar de um modo bastante negativo** o sucesso dos programas de vacinação.”

José Augusto Alves de Britto: O congelamento dos gastos públicos com saúde podem **sim impactar de um modo bastante negativo** o sucesso dos programas de vacinação. Quando o cidadão busca uma unidade de saúde e não lhe é disponibilizada a vacina, isso leva a um descrédito no sistema, a um desânimo de buscar, repetidamente e sem sucesso, a vacina, gerando então a interrupção ou o abandono de esquemas de vacinas que vinham sendo corretamente seguidos. Isto propicia o retorno das doenças até então controladas.

Além disto, o congelamento de gastos pode comprometer os investimentos em pesquisas de vacinas contra a dengue e contra o vírus da zika, por exemplo. É preciso investir.



Enfermeira aspira para a seringa o conteúdo da ampola da vacina Covid-19.

Foto: Raquel Portugal (Fiocruz Imagens)

